



MÃOS NA FACA, MÃOS NA PENA: MULHERES E NARRATIVAS DE CRIME NO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Amanda Ribeiro Mafra Lima

Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Avançado Piumhi

Doutoranda - Programa de Pós-graduação em História, UNESP - Franca.

amanda.mafra@ifmg.edu.br

Resumo: A proliferação de narrativas de crime na sociedade carioca entre fins do século XIX e início do XX tem recebido significativa atenção de pesquisas recentes em História Cultural do Crime. Diante disso, o presente trabalho propõe-se a contribuir com as reflexões teórico-metodológicas da área sobre o uso da categoria de gênero nos estudos sobre romances de crime, com enfoque nas mulheres, enquanto sujeitos representados e produtores de representações. Trazemos considerações acerca da trajetória da escritora francesa Anne Violet que, sob o pseudônimo Maxime Villemer, teve romances publicados pelo *Jornal do Brasil*. Somando-se a estas considerações, apresentamos análises acerca das representações da criminalidade feminina presentes em um de seus romances - *A envenenadora* (1906). Nossa abordagem fundamenta-se teoricamente nas contribuições de Constans (2007), Duarte e Paiva (2009), Chartier (1990) e Scott (1989). Nossas análises apontaram para a especificidade da atuação de escritoras na produção de narrativas de crime no interior da cultura midiática. Quanto às representações da criminalidade feminina temos, por um lado, a presença de um repertório socialmente compartilhado por este tipo de produção literária; por outro, incisivas críticas à condição feminina na sociedade da época. A partir deste intento analítico, destacamos a importância do uso ampliado da categoria de gênero nas pesquisas sobre as narrativas de crime, capaz de incorporar definitivamente as mulheres como sujeitos históricos, presentes no imaginário social e em sua construção.

Palavras-chave: literatura de crime; gênero; escritoras; representações.

1.Introdução

Na passagem do século XIX ao XX, uma série de narrativas centradas no crime foram publicadas pela imprensa e editoras/tipografias cariocas. Estas produções circularam em uma conjuntura de intensas transformações políticas (com a instauração



da República), econômicas (com o *boom* da produção cafeeira e a intensificação da urbanização) e sociais (fim da escravidão, aumento da imigração e emergência das lutas feministas). Em concomitância, inscrevem-se em um processo mais amplo de dinamização do mercado editorial e de mudança no paradigma estruturante da imprensa, que volta-se cada vez mais a um consumo massificado.

Este conjunto complexo e interligado de transformações incide sobre a forma como o crime e a criminalidade são compreendidos, pensados e representados. Como elemento presente tradicionalmente na cultura popular e no cotidiano das cidades, o crime torna-se objeto da cultura midiática, em nome do entretenimento e da identificação dos leitores com o conteúdo de jornais e livros (KALIFA, 2019; GUIMARÃES, 2014).

Diferentes pesquisas em História Cultural do Crime têm-se dedicado ao estudo das chamadas narrativas de crime, tais como: Porto (2003; 2009), Ottoni (2012), Guimarães (2013), Gomes (2017), Alves (2020) e Diniz (2021). Poucas destas investigações, contudo, incorporam a categoria de gênero na análise das representações do crime. Deste modo, como um desdobramento de uma pesquisa de mestrado já concluída, o presente trabalho volta-se ao estudo das relações entre mulheres e romances de crime, com enfoque na atuação das autoras e da representação da criminalidade feminina.

Nosso estudo fundamenta-se no conceito de representação de Roger Chartier (2002), o que nos permite apreender a literatura de crime como um conjunto de representações sociais acerca da temática, as quais constituíram-se a partir da realidade concreta, ao mesmo tempo em que surgiram como matrizes de práticas sociais. Além disso, o conceito concebe as representações como constructos que revelam interesses, expectativas e projetos dos grupos que as forjam.

Dois outros conceitos nos auxiliam a pensar o lugar social ocupado por escritoras e a construção das representações em suas obras: a categoria de gênero (SCOTT, 1989; 2012) e o de “lutas de representação” (CHARTIER, 2002, p.17). A partir da categoria de gênero, partimos da análise da inscrição das escritoras em uma sociedade fundada na divisão binária e desigual entre os sexos, cujo patriarcalismo se impõem por meio de violências físicas e simbólicas sobre as mulheres (SOIHET, 1997). Este aspecto implica,



em primeiro lugar, em reconhecer a existência de condições desiguais para a atuação das mulheres no campo intelectual (DUARTE; PAIVA, 2009).

A inscrição destas mulheres de letras em relações de gênero desiguais e opressivas, não implica, contudo, em pensar tais relações como estanques, caracterizadas pela aceitação plena de preceitos, interesses e visões de mundo do grupo masculino e dominante. O que temos é sua presença em uma arena de disputas, marcada por “lutas de representação”. Assim, o conceito de Chartier nos leva a pensar as representações presentes em romances de crime de autoria feminina em sua imersão “num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação” (CHARTIER, 2002, p.17).

É a partir destes aportes teóricos que apresentamos a seguir a trajetória de Anne Violet, autora francesa de romances populares sobre crimes, que sob o pseudônimo Maxime Villemer, teve suas obras publicadas pelo *Le petit journal* (Paris) e pelo *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro). Em seguida, apresentamos análises acerca das representações da criminalidade feminina presentes em uma de suas obras, *A envenenadora*, publicada no Brasil, em 1906. Almejamos trazer uma possibilidade de uso ampliado da categoria de gênero ao estudo das narrativas de crime que englobe a mulher não apenas como sujeito representado, mas também como construtora de representações.

2. Anne Violet ou Maxime Villemer

Se para os leitores contemporâneos brasileiros, o nome Maxime Villemer não se apresenta como uma referência literária, nem ao menos como um nome familiar, o mesmo não poderia ser afirmado para muitos dos que dominavam a palavra impressa na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Isto pois Maxime Villemer constava como autor de diversos romances-folhetins publicados pelo *Jornal do Brasil*, como *Maldição* (1900), *Martyrio* (1902), *Víbora!* (1904), *A envenenadora* (1906) e *O morto vivo* (1907).

De significativa repercussão no período em questão, o *Jornal do Brasil* adaptou-se às transformações paradigmáticas da imprensa do período, apostando em sessões voltadas ao entretenimento e à temáticas do cotidiano para atrair o interesse de um



público consumidor amplo e variado (SODRÉ, 1966, p.339). Crime e assuntos policiais emergiam em suas páginas tanto em notícias diversas quanto em folhetins, ocupando cada vez mais espaço no corpo do periódico. É a partir desta perspectiva que os romances de Villemer ganham a atenção dos editores e dos consumidores do *Jornal do Brasil*.

Maxime Villemer é mencionado em folhetins, brochuras feitas pela tipografia do jornal, anúncios de venda e premiação aos assinantes. Em um anúncio de *A envenenadora*, de 8 de setembro de 1906, Villemer é apresentado como um dos “mais festejados escritores”, por escrever enredos capazes de “prender a atenção” dos leitores (*Jornal do Brasil*, 8 de set., 1906, p.3). Em nossa pesquisa, contudo, não encontramos no referido jornal, informações mais detalhadas sobre este autor, nem menção ao fato de que se tratava de um pseudônimo, adotado pela escritora francesa Anne Violet.

Quem seria esta escritora, cujas obras eram publicadas e lidas por anos seguidos, popularizando-se na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX? Anne Violet nasceu em 1841, em Saone-et-Loire, interior da França. Como outras autoras de romances populares do período, ela provinha da classe trabalhadora, como nos indicia a ocupação de seu pai, que era um comerciante de tecidos (CONSTANS, 2007, p.61).

Poucas são as informações que conseguimos rastrear sobre sua vida já na fase adulta (não encontramos nenhuma informação sobre sua infância). Sabemos que casou-se com Francey e morreu viúva e sem filhos, em 1923, em Vincennes, nas proximidades de Paris (CONSTANS, 2007, p.69). Entre 1897 e 1914, publicou romances-folhetins em *Le petit journal*, jornal diário, de cunho popular, editado em Paris (YASUKAWA, 2013). O sucesso de suas publicações faz com que parte de seus romances sejam recortados e republicados com outros títulos nas décadas de 1920 e 1930, e que coleções populares divulguem suas obras na França até a década de 1950 (CONSTANS, 2007).

De acordo com Ellen Constans (2007), Anne Violet inscreve-se em um contexto marcado pela modernização e ampliação da imprensa periódica francesa, e pela profissionalização das mulheres como escritoras. Sendo assim, diferentes desafios apresentavam-se à ela.

Ter uma obra publicada em fins do século XIX e início do século XX, em livro ou como folhetim nos jornais, requeria não apenas a escrita do material, mas também o



estabelecimento de contato e de negociações com aqueles responsáveis pela edição e publicação dos textos. Contudo, as imposições culturais ao gênero feminino, vigentes no período, inscreviam a atuação das mulheres no âmbito privado e familiar, dificultando o acesso ao meio público em que os contatos do mercado editorial e livreiro aconteciam. A maior facilidade de escritores a este meio, tornava a concorrência masculina o primeiro desafio das escritoras.

A solução adotada por muitas autoras para se inserirem nesta arena foi a adoção de pseudônimos masculinos, que as mantinham no anonimato. Como exemplos, podemos citar os seguintes pseudônimos: Maxime Villemer (Anne Violet), Georges Maldaque (Joséphine Maldague) e Paul d'Aigremont (Jeanne Thérèse Ninous) (CONSTANS, 2007).

Para os casos em que os contatos editoriais fossem realizados, as negociações para a publicação da obra de uma escritora perpassavam ainda pela definição do tipo de narrativa “adequada” ou socialmente aceita de ser produzida e lida por mulheres. Segundo alguns discursos hegemônicos do período, o romance parecia ser o estilo textual mais adequado à condição natural feminina, desde que associado a um “caráter educativo e à defesa de princípios morais”, o que explicaria a entrada das mulheres no mundo das letras por este estilo literário (CONSTANS, 2007, p. 39).

A entrada e permanência de Anne Violet neste meio composto predominantemente por homens (escritores, mas também editores, donos de jornais e tipografias, etc.) podem ser compreendidas pela adoção de um pseudônimo masculino; adequação ao estilo literário tido como “próprio” às mulheres; e por outros dois fatores: em primeiro, por sua habilidade em criar enredos com temas e recursos que agradavam aos leitores, reproduzindo fórmulas de sucesso. E, em segundo, por sua atuação na luta pelo reconhecimento da profissão como escritora.

Violet atuava de forma profissional na produção de romances populares, isto é, vivia das rendas de sua produção – o que parece ter sido bem sucedido, ganhando consideráveis somas com os direitos de reprodução de seus textos (CONSTANS, 2007). Estando ciente “que o exercício de sua profissão constitui uma parte essencial de suas identidades” (CONSTANS, 2007, p. 25), ela, junto a outras de sua época, buscou pelo



reconhecimento de sua atuação literária com a apresentação de candidaturas à Société des Gens de Lettres (S.G.D.L.). Maxime Villemer se tornou membro desta associação aos 64 anos.

Os pareceres dados por membros da sociedade à solicitação de Anne Violet revelam o reconhecimento de seu sucesso junto ao público leitor, assim como da soma em dinheiro que isso representava para a escritora, e, conseqüentemente, aos cofres da Sociedade. Apesar de ser reconhecida como uma profissional das letras, não havia o reconhecimento das qualidades literárias de sua produção. Concepções literárias elitistas, predominantes na associação, relegaram a produção de Anne Violet a obras consideradas de baixa qualidade literária e menosprezadas (CONSTANS, 2007).

3. As representações do crime e da criminalidade feminina em *A envenenadora* (1906)

Como mencionado anteriormente, os romances de Maxime Villemer seguiam fórmulas tradicionais e de grande sucesso entre leitoras e leitores. Eram narrativas de fácil compreensão, com personagens com pouca densidade psicológica, cujos padrões se repetiam texto após texto. As tramas centravam-se em situações dramáticas ou “sensacionais”(EL FAR, 2004) como a perda dos pais e a orfandade; abandono; intrigas envolvendo casais apaixonados; a busca pela solução de uma culpa falsamente atribuída; e a ocorrência de crimes.

O romance a que daremos centralidade neste trabalho segue esta proposta. Na França, ele tem como título *La faute d'amour*, sendo publicado como folhetim em *Le Petit Journal* de 8 de outubro de 1905 a 4 de fevereiro de 1906. Podemos considerar que o romance conquistou relativa popularidade na medida em que foi publicado em anos posteriores por duas revistas: *L'oeil de la police* (1911/1912) e *La Semane Illustrée* (1911). Apesar do título indicar como ponto central do enredo as intrigas em torno de uma relação amorosa - o que pode ser apreendido também por ilustrações de anúncios da obra em *Le Petit Journal* -, a publicação do romance em uma revista voltada à *fait divers* criminais como *L'oeil de la police* abre-nos a possibilidade de novas chaves de leitura à narrativa, em especial, centradas nas ações criminosas do enredo.



No Brasil, o romance foi publicado como suplemento do *Jornal do Brasil* em setembro de 1906, com o título *A envenenadora*. Desta vez, título do romance e as imagens dos anúncios no periódico trazem destaque à ação criminosa da protagonista em detrimento às relações familiares e amorosas. Por anos seguidos, temos propagandas da venda de *A envenenadora* como livro produzido pela própria tipografia do jornal, o que a nosso ver indica a popularidade alcançada pela obra.

A envenenadora conta a história de Morgana Le Garrec, uma jovem de origem humilde que se estabelece como governanta da rica família Le Presles. Ao longo do enredo, a protagonista é apresentada como uma mulher muito bonita, que, como uma sereia, encanta e atrai os homens à ruína. Sabemos também que é uma mulher branca, da classe trabalhadora e que na juventude foi enganada por um artista, com o qual perdeu a virgindade e teve um filho. Como adulta, Morgana é constantemente representada pela dicotomia mãe/cortesã. Se por um lado é uma mãe que não abandona o filho e está disposta a fazer tudo pelo sucesso de sua criança; de outro, é uma mulher livre, desejosa por ócio, luxo e vícios. A dicotomia de sua residência indica como na obra sua representação encontra-se entre duas facetas tidas como inconciliáveis.

A imagem da protagonista é construída também em oposição a dois personagens. O primeiro deles é Miquelina, filha da família Le Presles, uma jovem nobre, de beleza sutil, defensora da honra familiar: uma heroína cujas características aproximam-se do ideal burguês de feminilidade da época. O segundo, Júlio Vaubaron, homem branco, da classe trabalhadora, forte, violento, ambicioso, vadio e preguiçoso, difícil de educar: um vilão, cujas características colocam o criminoso em oposição ao modelo masculino burguês (isto é, do homem trabalhador, responsável pelo sustento e segurança da família).

A partir desta construção dos personagens, a criminosa (Morgana) é representada em sua inscrição em padrões e relações de gênero vigentes no contexto de circulação da obra. A partir da oposição Morgana/Miquelina, a criminosa é representada como aquela que foge ao modelo burguês de feminilidade, parcialmente concretizado pela filha do marquês; enquanto a oposição Morgana/Júlio, mantém a inscrição da criminosa ao tipicamente feminino, encerrando as ações da personagem ao que era aceito como próprio ou possível de ser realizado por mulheres.



A representação dos crimes na história nos auxilia a visualizar melhor como os papéis de gênero impõem-se na construção da/o criminoso/a e de suas ações. As primeiras cenas da narrativa apresentam o principal crime da trama: o envenenamento da marquesa Le Presles por Morgana. É por meio deste crime que a protagonista efetiva seu casamento com o marquês e estabelece uma relação conflituosa com Miquelina. A rivalidade entre estas mulheres, impulsiona Morgana a um segundo: a compra da filha de Miquelina e de João Bellanger. Crime este que também atende ao intuito de Morgana em salvar sua irmã Coralia da pobreza, conseguindo a esta uma criança para ser herdeira do marido aristocrata.

Apesar de romperem com as ações esperadas à uma mulher pela elite burguesa, o envenenamento e o planejamento de rapto de uma criança, inscrevem Morgana em ações delituosas consideradas por alguns discursos criminológicos como tipicamente femininas (CLAIZONI, 2013; LOMBROSO; FERRERO, 1989). Assim como, em oposição, a atuação de Julio Vaubaron em roubos e golpes financeiros, marcada pela violência e sagacidade, fruto da ambição e desejo por lucro, enquadram-se em ações “tipicamente” masculinas.

As diferentes motivações ao crime são o que nos chama maior atenção nesta divisão sexual do crime em *A envenenadora*. Para Morgana, os crimes que realiza justificam-se como uma reparação frente ao abandono masculino e ao desprezo social, e como alternativa viável à sobrevivência de uma mulher pobre e de seu filho. Já, as ações de Julio Vaubaron são apresentadas como forma de enriquecimento ilícito e condenável diante das possibilidades apresentadas aos homens no mundo do trabalho (algo negado às mulheres pela visão da protagonista).

As diferentes formas de disciplinarização de Morgana e Julio coroam essa perspectiva. Ao fim da narrativa, enquanto Julio é preso pela polícia, Morgana, junto à sua irmã, encaminha-se ao suicídio. Ao longo do enredo, para Morgana, a Justiça e a polícia aparecem apenas como potenciais, mas passíveis de serem manipuladas, o que leva a protagonista a não as temer. Seus temores estão na condenação social e na Providência divina. O suicídio é apresentado pela protagonista como meio de libertação, frente à exclusão social e à miséria que cerca sua vida - um ato de resistência.



Considerações finais

Neste trabalho, visamos apresentar uma possibilidade de uso ampliado da categoria de gênero nos estudos sobre as narrativas de crime, considerando não apenas as mulheres como sujeitos representados, mas também como construtoras de representações. Esta perspectiva visa romper com a exclusão feminina ainda vigente nos estudos em História Cultural do Crime ainda muito voltados à criminalidade masculina e no uso de fontes documentais produzidas por homens.

Ressaltamos que o resgate de autoras como Anne Violet não implica em pensarmos a existência de uma escrita tipicamente feminina sobre crimes, mas considerar as especificidades do grupo a que pertencem aqueles que forjam as representações. Inscrita em uma conjuntura marcada por relações desiguais entre os sexos, a trajetória de Anne Violet nos aponta para aspectos próprios do contexto de produção e circulação de narrativas de crime, expressos também nas representações presentes em *A envenenadora*.

Nesta obra, se por um lado temos a presença de aspectos presentes em outros discursos da época, em especial, que defendem padrões comportamentais e morais da burguesia; por outro, é possível identificar críticas pungentes à inserção feminina na sociedade da época e uma visão do crime como alternativa às mulheres pobres em busca de sobrevivência e melhores condições de vida.

Referências

ALVES, A. R. O. **Narrativas de crimes: violência, desordem e banditismo em Mossoró na Primeira República (1910-1930)**. 2020, 136p. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais e Humanas). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN, 2020.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 244p.

CLAIZONI, Débora Halide. **A ordem pelo avesso: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em História, 2013.



CONSTANS, E. **Ouvrières des lettres**. Presses Univ. Limoges, 2007. Disponível parcialmente em:
<https://books.google.com.br/books?id=ZDqvVXR7rXUC&pg=PA57&lpg=PA57&dq=ouvrieres+des+lettres&source=bl&ots=ayOWcWukSS&sig=3gYSTfC4XMJ0njztOXBMpd7OrLU&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiJ1PX16afTAhUHG5AKHevuBEIQ6AEINzAC#v=onepage&q=ouvrieres%20des%20lettres&f=false>. Acesso em 15 abr. 2017

DINIZ, M. **Dramas de ontem**: imprensa, Criminalidade e a Crônica Policial em São Paulo (1910-1920). 2021. 251p. Tese (doutorado em História Social), PUC-SP, São Paulo - SP. 2021.

DUARTE, C. L.; PAIVA, K. B. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.

EL FAR, A. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 373p.

GOMES, J. A. M.. **Vigiando, divulgando e reprimindo**: O papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – IFCH, UFPA, Belém, 2017.

GUIMARÃES, V. **Notícias Diversas**: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013

KALIFA, D. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque. Luiz Antônio Oliveira de Araújo (trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2019. 519 p.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. **The female offender**. New York, D. Appleton and Company, 1898.

OTTONI, A. V. **“O paraíso dos ladrões”**: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920). Tese (Doutorado em História Social), ICHF-UFF, 2012.

PORTO, A. **Crime em letra de forma**: sangue, gatinagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. 2003. Dissertação (mestrado em História), IFCH - Unicamp, Campinas, SP, 2003.

_____. **Novelas sangrentas**: Literatura de crime no Brasil (1870- 1920). 2009. Tese (doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009. 326p. Disponível em:
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000436292>>. Acesso em: 19 abr. 2017.



SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 16 abr. 2017.

_____. Usos e abusos do gênero. Tradução de Ana Carolina E. C. Soares. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, dez. 2012, p. 327- 351.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Raquel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

VILLEMER, M. **A envenenadora**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Brasil, 1906.

YASUKAWA, T. **Poétique du support et captation romanesque**: la “fabrique” de son lecteur par le roman de la victime de 1874 à 1914. Tese (doutorado em Literatura francesa), Limoges, França: Université de Limoges, 2013.